

Vicente Soares Neto
Fazendo as Pazes com o Passado

Fazendo as Pazes

com

o Passado

Editoração Eletrônica

Vicente Soares Neto

Revisão

Vicente Soares Neto

Capa

Vicente Soares Neto

ISBN

É proibida a reprodução
de parte ou da totalidade
dos textos sem a
autorização prévia do editor.



SUMÁRIO

SUMÁRIO	4
Oração	5
Dedicatória	6
Sobre o Autor	7
Prefácio	8
Não Brigue com o Passado.....	11
O Nascimento	21
Uma Grande Amizade	31
A Grande Motivação	43
Uma Prova de Fé	62
A Felicidade	74
Mensagem	79

Oração

Senhor, meu Deus, dê-me o conselho certo e a prudência necessária. Dirija os meus passos para que eu possa compreender o meu caminho. Dê-me justiça e equidade. Faça com que meus planos tragam abundância. Dê-me a vida, a justiça e a glória. Vigie-me e preserve-me da angústia. Prepare o meu cavalo para os dias de batalha, a minha vitória depende do Senhor. Evite que eu afadigue para enriquecer, evite que eu aplique isso ao meu espírito. Dê-me sabedoria e vigor. Deixe-me tratar do Senhor como trato de uma figueira. Eu Lhe peço duas coisas, por favor, não me negue antes de minha morte: afaste de mim a mentira, não me dê nem pobreza nem riqueza, conceda-me o pão que é necessário.

Vicente Soares Neto

Esta oração foi concebida em um período de muita dificuldade em minha vida, utilizando palavras e frases da Bíblia.



Dedicatória

Dedico esta obra, aos meus pais, Francisco e Ode-te.

Sobre o Autor

Vicente Soares Neto é formado em Engenharia de Telecomunicações e em Engenharia Elétrico-Eletrônico pelo Instituto Nacional de Telecomunicações – INATEL.

É escritor, com mais de 25 obras publicadas.

Ocupa a cadeira nº 40 da Academia Campobelense de Letras.



Prefácio

Na aurora da minha vida, vivendo o cotidiano de uma pessoa simples e sem grandes ambições, percorrendo uma estrada de vários caminhos, para por fim, ter o destino igual a todos os seres vivos.

Enfim, esta é uma existência que se assemelha às pessoas que me circundaram, sem distinção.

Após percorrer esta estrada, que mais poderia ser chamada de trilha, pois é estreita e sinuosa, depois de colher as flores da alegria ou lavar os arranhões causados pelas pedras do caminho, não me restava alternativa, a não ser, de fazer uma reflexão sobre os momentos mais significativos vividos por mim.

Assim, este livro, FAZENDO AS PAZES COM O PASSADO, conta um pouco de histórias, reais é verdade, fortemente abençoada por sentimentos,

envolto pelo manto da satisfação, principalmente de ter vivido e, além disto, de ter sabido conhecer a mim mesmo, diante de um cenário adverso, mas, comum para todos os seres humanos.

Este livro, vigésimo quinto da minha obra, não tem a pretensão de ensinar conceitos de vida, nem tão pouco ajudar aos meus leitores a viverem melhor.

O livro é apenas um conjunto de pequenas histórias marcantes em minha vida. Histórias que foram reais. Histórias, que muito me ensinaram.

Além disto, é importante ressaltar, que cada um de nós tem a sua própria experiência, o seu próprio caminho, e, por que não dizer: cada um tem o seu próprio destino, por opção ou por imposição.

Fazer as pazes com o passado não é uma virtude, nem tão pouco um dom, é apenas a reflexão da maturidade, deixando de lado, todas as an-



Fazendo as Pazes com o Passado

siedades e angústias, todos os sintomas que nos fizeram bem ou mau, enfim, que fizeram parte de nossa existência.

Por fim, ler este livro não fará do leitor uma pessoa melhor ou pior, mas, tenho certeza ao final da leitura, você, caro leitor, fará uma reflexão, e talvez a minha experiência contada aqui, lhe proporcione o entendimento da realidade diferente do que você pensa agora.

Vicente Soares Neto

Não Brigue com o Passado

O passado já foi presente e o presente impacta o nosso futuro, então cuidar do presente é uma razão de sobrevivência sadia, promissora e sem traumas.

Conheço muitas pessoas que vivem no passado, envolvidas com certas conjunturas, fantasias familiares, desejos não realizados, sonhos de avós, pretextos dos pais. Nada disto é real, nada disto faz parte de sua vida, nada é tão importante como a determinação de traçar o seu próprio destino. Isto sim é real.

Conheço também muitas pessoas que somente vivem no futuro. Este futuro que também, um dia será passado.

Há muito tempo atrás, a nossa família estava reunida em torno do fogão a lenha, localizado no canto de uma cobertura no fundo da casa. Conver-



Fazendo as Pazes com o Passado

sávamos animadamente sobre vários assuntos, quando a minha mãe, disse com a voz tristonha que gostaria de fazer uma viagem de férias, pois estava muito cansada do cotidiano da vida.

Entreolhamos mutuamente diante daquela afirmativa incisiva, principalmente vinda de uma mulher, decidida, determinada e acostumada com as asperezas da vida. A única pessoa da família que não se abatia a única pessoa que transformava as adversidades em felicidade, o único porto seguro para todos nós.

Foi uma surpresa geral ficamos até mesmo assustados.

Quieto em seu canto, revigorando o fogo com a lenha seca, meu pai disse uma frase que perpetuou durante muito tempo no fundo de nossas almas.

Detinha, dirigiu-se a ela carinhosamente. “Quando o Ivan se formar vamos realizar todas as viagens de nossos sonhos”.

A conversa caminhava como de costume, apesar do momento de angústia da minha mãe o ambiente tornou-se alegre e descontraído e o almoço de domingo, com macarrão e frango caipira, criado na horta, desenvolveu-se normalmente.

Passaram-se quatro anos. Período muito difícil em nossas vidas. Meu pai fechou o escritório de advocacia, dedicando-se a cuidar da minha mãe, acometido de uma doença incurável.

Dia dez de dezembro de 1976, muito fraca e sem perspectiva de restabelecimento, o médico indicou uma transfusão de sangue e a internação no Hospital São Lucas, em Belo Horizonte, com objetivo de minimizar os efeitos da doença terminal.



Fazendo as Pazes com o Passado

Por volta das vinte e duas horas, o doutor entra no apartamento, examina a minha mãe e profere a sentença. A Dona Odete, tem poucas horas de vida.

Meu pai, então, muito abatido, puxa-me pelo braço levando-me até ao corredor do hospital.

Filho vá até Campo Belo, pegue aquele costume azul marinho da sua mãe, que esta dependurado do lado direito do guarda-roupa, vá até Santa Rita do Sapucaí e busque o Ivan. Cuidado, ele esta fazendo a última prova na faculdade, praticamente ele se forma amanhã.

O meu primo, Sérvio Túlio prontificou-se a fazer esta viagem comigo. Saímos por volta das 23 horas para a primeira parte da viagem, rumo a Campo Belo. Por volta das três horas da madrugada chegamos a Campo Belo, imediatamente peguei o costume azul marinho.

Chegamos a Santa Rita por volta das sete horas da manhã. Não poderia encontrar-me com meu irmão, pois neste horário teria o início da sua última prova na faculdade.

Fui até a um orelhão situado na praça da cidade e liguei para o hospital.

Alô, disse eu. Gostaria de saber como está a Dona Odete, paciente do quarto 302.

Quem é você, respondeu a voz que não conhecia, do outro lado da linha telefônica.

Sou o filho dela, respondi de forma insegura, pois não esperava por uma resposta animadora.

Não foi mesmo. Minha mãe havia acabado de falecer. O seu enterro estava previsto para as dezessete horas.

Esperei até às onze horas, comprei alguns sanduíches, refrigerantes deslocando-me até a



Fazendo as Pazes com o Passado

porta principal do Inatel, faculdade onde meu irmão estava estudando.

Por volta do meio dia, encostado no carro bem em frente ao portão principal, o meu irmão levanta o braço e grita: formei! As lágrimas de tristeza rolam pela sua face. Sabia que eu não estava ali por acaso.

Como uma vez disse o poeta Castro Alves, no poema Navio Negreiro: quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?

De certo, é que, muitas vezes não conseguimos mudar o nosso futuro devido às amarras que nos matem presos ao passado, portanto não vivendo o presente em sua plenitude, nós estamos comprometendo o nosso futuro.

Por ironia do destino o que acontecera naquele almoço de domingo, com toda a família reunida nunca mais seria possível.

A linha do tempo da vida de cada um de nós, não é uma linha contínua, discreta no tempo, que tem o seu início em nosso nascimento e termina com a nossa morte. Não é assim, ela tem uma componente espiralada que em suas voltas corta pontos do passado e tangencia o nosso futuro.

O conceito deve ser visto como um todo, como uma única figura, que fotografa o destino que traçamos para nós mesmos. Assim, a cada momento nós estaremos vivendo o passado o presente e o futuro.

Suponha que em um determinado instante você dê um passo, não importa em que direção, exercício este que serve para exemplificar o conjunto da união do passado, do presente e do futuro.

No momento em que você toma esta decisão em sua mente, de dar um passo é o futuro, quando você executa o passo já é presente, quando



terminar de realizar este movimento já é passado. É muito pouco tempo entre os três tempos, onde muitas vezes não sabemos distinguir, a realidade entre eles, daí o grande conflito que passamos viver.

Muitas vezes temos medo da incerteza do futuro, temos medo do desconhecido, temos medo até mesmo, de ter medo.

Certa vez, lendo sobre o inconsciente, não sei ao certo, mas acredito que foi no “O Livro das Mutações”, pude identificar vários hexagramas os quais me surpreenderam em muito. Eles não representavam as coisas com elas realmente são, mas sim a suas tendências de movimento.

Assim ocorre com a nossa vida. São muitas vezes hexagramas com interpretação errada que nos levam a cometer erros pessoais, que nos impactam durante muitos anos.

Um hexagramas que me chamou mais atenção foi o que representa a quietude.

A quietude consiste em manter-se imóvel quando chega o momento de se manter imóvel, e de avançar quando chega o momento de avançar.

Assim, por mais irônico que possa parecer, o repouso e o movimento permanecem em harmonia com as exigências do tempo e do espaço.

Para que possamos entender os destinos ou as decisões tomadas nas encruzilhadas da vida, busca-se algum mito Grego, pois na metáfora de um conto poderemos encontrar a melhor narrativa para o momento em que vivemos.

A palavra mitologia, do grego é a soma de duas palavras: o mito que tem o significado de narrar ou contar e logia que significa estudo ou ciência.

Portanto lembro-me que Heracles ao visitar Quíron seu amigo, após matar a monstruosa ser-



Fazendo as Pazes com o Passado

pente Hidra, com as suas nove cabeças, feriu-o acidentalmente com a ponta de sua lança, ainda impregnada com o veneno. Quíron, imortal, não conseguiu retirar o veneno de seu corpo, sendo condenado a sacrificar a sua felicidade terrena devotando-se aos ensinamentos da sabedoria espiritual.

Na reflexão de cada momento, na conjunção do espaço e tempo, na metáfora das aflições, duas perguntas são muito importantes:

Como podemos ser tolerantes com o limite do outro se não somos tolerantes com nossos próprios limites?

Como podemos levar em conta as feridas do outro se não percebemos as feridas que carregamos?

E...Por que não brigar com o passado?

Porque o passado já foi o presente como o futuro também o será.

O Nascimento

Como poderia escrever sobre os fatos que impactaram minha vida durante muitos anos e que ocorreram quando nasci?

Os seus efeitos foram reais, mas na verdade somente ouvi contar.

Meus pais, meus avós, revisaram os acontecimentos durante muitos anos, diante de cada momento, acrescentando ou eliminando fatos, de acordo com o temperamento momentâneo de cada um.

Estes fatos de alguma forma impactaram a minha vida, não sei se influenciado pelas histórias contadas ou pela sua própria essência.

Meu objetivo, neste capítulo é o de envolver as duas pontas da minha vida e restaurar na minha terceira idade, os impactos do meu nascimento.



Fazendo as Pazes com o Passado

Portanto, naquela manhã de setembro de 1950, em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, de nome indígena, cujo significado levava a se acreditar que a Terra da Mãe de Deus, seria um local agradável, de paz, de harmonia, envolto pela brisa mansa da espiritualidade, pudesse proporcionar a uma família momentos felizes e de alegria, principalmente quando viesse ao mundo o seu filho primogênito.

D. Odete, muito nova, inexperiente esperava seu primeiro filho cuidando do jardim a frente de sua casa, recheada de roseiras de cor vermelho púrpura tendo ao chão um tapete colorido de beijos.

A brisa vinda do sul refrescava o momento entoadado pelo canto estridente dos canarinhos da terra e pelo tom melodioso de um bicudo solitário.

Mesmo sendo uma casa simples com o valor do aluguel de acordo com as posses de seu mari-

do, o mundo encantado dos recém-casados envolvia-os com o manto do amor e da felicidade.

Por volta das nove horas da manhã, com as mãos ainda sujas pela terra do jardim, D. Odete vai até ao pequeno portão emoldurado pelos muros da frente da casa, com objetivo de apreciar o movimento da rua.

Naquela época, nas cidades do interior e até mesmo em alguns lugares da capital era comum que pessoas utilizassem dos passeios em frente as suas casas, como sala de estar, onde a conversa fluía simples, naturalmente sem cerimônia.

Mas, naquele dia, um episódio muito tenebroso estava por ocorrer.

Nascida em São João Del Rey, famosa pela cultura de seu povo, cujo nome fora dado em homenagem D. João V, rei de Portugal, sendo durante muitos anos a sede da Comarca do Rio das Mortes, que abrangia toda a região do Campo das



Fazendo as Pazes com o Passado

Vertentes, local onde nascem os principais rios de Minas Gerais.

Acostumada a uma cultura com grande influência religiosa principalmente de seus avôs paternos, que vieram do Líbano, bem como de seus avôs maternos que vieram da Alemanha, cristãos fervorosos e de fé inabalável, viviam sob os preceitos do evangelho. De uma pureza de alma e de uma bondade infinita e de uma coragem de dar inveja a muitos matutos da época.

Conversando com uma de suas amigas que passava pelo local naquele instante, D. Odete nem se apercebeu dos momentos de tensão e angústia que iria passar minutos após.

Dois grupos de homens fortemente armados discutiam na esquina próxima. Traziam revolveres na cintura e carabinas Winchester. O tom da conversa estava a cada minuto mais quente, exaltando os ânimos. Um deles retirou da bainha um

revolver Smith Wesson, intimidando um senhor de idade mais avançada do outro grupo.

Um silêncio profundo invadiu o cenário. Nem mesmo o vento se manifestou.

Um jovem mais atrevido, filho do senhor de mais idade não se conteve, engatilhou o seu Winchester iniciando uma troca de tiros sem precedentes na região.

Uma bala perdida arrancou a placa que identificava nome de seu marido, que atuava na cidade, como advogado.

Apavorada diante do cenário medieval imposto naquele momento, D. Odete não se conteve e começa a chorar. Entra correndo para dentro da casa, procurando abrigo, desesperada, ofegante e suando frio.

A amiga, vizinha, também sobressaltada a acompanha ajudando-a diante da gravidez de sete meses.



A rua estava tumultuada, pessoas chegavam para socorrer os feridos. O clima de duelo indicava que a rixa entre as famílias, não terminaria com aquele fato, iria perdurar por muito tempo ainda, com o sentimento de vingança e ódio alimentando os corações.

Dentro da casa, D. Odete buscava manter o controle ao refazer as suas emoções, contudo, os reflexos dos momentos vividos estavam provocando em seu corpo de grávida de primeira viagem, as primeiras contrações.

Notícia ruim se propaga mais rápido que fogo de morro acima, principalmente em uma pequena cidade do interior. Sabendo da notícia chega a casa, o seu marido Francisco, advogado militante na cidade e região durante sete anos.

Logo o Dr. Francisco busca tranquilizar a esposa levando-a para a cama para que pudesse repousar um pouco, em seguida pede a um amigo

que vá chamar o médico da cidade, amigo de conversas e parceiro político.

Passados quinze minutos o doutor médico chega a residência do Dr. Francisco. A chegada do médico permitiu certo conforto ao casal. Entretanto, após os exames de rotina o veredicto foi de preocupação. D. Odete estava entrando em trabalhos de parto, o menino iria nascer prematuro.

O Dr. Francisco, preste a ser pai pela primeira vez, chama um carro de aluguel, nome dado a época para taxi, providenciando a transferência de sua esposa para o hospital local.

Graças às orações dos pais da criança prestes a entrar em um novo mundo e de seus amigos, o parto transcorreu normal para os recursos da época.

Com pouco mais de um quilo e setecentos, medindo cinquenta e dois centímetros, nascia o primeiro filho do casal Francisco e Odete, às treze



Fazendo as Pazes com o Passado

horas e trinta e dois minutos do dia dezessete de setembro de mil novecentos e cinquenta.

Muito branquinho o recém-nascido teria que passar pela sua primeira prova de existência. Não havia unidade de tratamento neonatal na cidade e como desafio foi adaptado um cesto para que o colocassem em um local de temperatura constante.



O menino com 2 meses de idade

Autor Desconhecido

As circunstâncias de um parto prematuro em condições de muito stress vividos durante três horas antes de seu nascimento impactaram a vida do menino durante quarenta anos.

A ansiedade foi durante todo este tempo uma batalha a ser vencida, uma luta constante consigo mesmo.

Em contra partida a vontade de vencer e o otimismo determinaram a sua vontade de saltar os obstáculos e os desafios do cotidiano.

O passado mesmo que de forma inconsciente impactara o presente cotidiano, do menino que acabara de nascer. Durante muitos anos, o real motivo desta ansiedade fora estudado por muitos profissionais da área médica, sem obterem um resultado conclusivo.

Somente após uma reflexão pessoal, após quarenta anos é que avaliando a sua própria histó-



ria, pode entender como o passado o havia impactado durante todos estes anos.

Como é indiferente as circunstâncias de um momento com o futuro? Como poderia um fato, ocorrido em um momento singular impactar as respostas ansiosas de sua mente?

Porque o tempo não atenuou esta projeção do passado? Porque o presente e o futuro estavam tão vinculados a esta situação de existência?

Simplesmente não poderia ocorrer em uma mente sábia uma resposta direta, correta ou até mesmo plausível de credibilidade, principalmente para todas estas circunstâncias.

Portanto, conhecer a sua história é entender a si próprio, portanto, é fazer as pazes com o passado.

Uma Grande Amizade

O destino, muitas vezes nos dirige por caminhos nunca antes programados. Três meses após o nascimento do primogênito, a família decide se mudar de cidade de Tupaciguara para Belo Horizonte, a capital do estado.

No natal de 1950, com toda a família de D. Odete reunida na casinha simples de sua mãe, D. Irene, a D. Lamy, sua irmã, casada com o promotor de justiça trabalhando em Campo Belo faz um convite para passarem as férias naquela cidade.

Assim, em janeiro de 1951, o casal junto com seu filho de quatro meses embarcou em uma composição ferroviária da Rede Mineira de Viação, até a cidade onde morava a sua irmã.

Após um mês de estada na casa de sua irmã e por influência do seu esposo Dr. Raposo, o casal decidiu fixar residência em Campo Belo.



Fazendo as Pazes com o Passado

Os dois primeiros anos foram de muita luta e determinação para o casal, mas em maio de 1953 conseguem adquirir um sobrado simples e antigo, construída em 1927.

O teto era de madeira, muito comum na época, coberto por telhas de barro. O assoalho do segundo andar também era de madeira rangendo ao pisar de pessoas mais pesadas. O único banheiro tinha água quente, alimentada pela serpentina de um fogão de lenha. O tempo para um banho era determinado pelos cinquenta litros de água quantidade máxima da caixa existente.

Era uma casa que até hoje sinto saudades, não pela sua beleza, mas pelo seu aconchego.

Naquele tempo o menino já estava com três anos de idade, vivendo como as crianças da época, brincando na porta de casa, fugindo para casas de colegas, nada diferente da expectativa normal de uma existência no interior.

Em uma tarde, quase a noitinha, quando a família se reunia com seus amigos no passeio da casa, um fazendeiro, trajando chapéu de feltro e uma capa amarela que lhe cobria o corpo e parte da anca do animal, acompanhado de um cão pastor alemão, para seu cavalo diante dos amigos que conversavam animadamente.

Apeando do seu cavalo, dirigiu-se ao meu pai cumprimentando-o calorosamente. Estava frio. Conversa vai, conversa vem, chega a D. Odete com um bule de café feito na hora, oferecendo a todos os amigos ali reunidos.

Como a conversa corria solta, descompromissada não se aperceberam que o menino estava brincando animadamente com o cão, cuja reputação poderia ser adjetivada de "bravio".

Foi um alvoroço só. O Seu Quinca dono do animal ralha imediatamente com o cão que coloca



o rabo entre as pernas e se encosta ao lado da mureta da casa.

Passaram-se alguns minutos e quando deram por conta estava lá novamente o menino brincando com o cão. A relação entre os dois era de tamanha confiança que a criança chegou a montar no animal.

O Seu Quinca, admirado comentou com o meu pai que um fato como este nunca havia ocorrido. O cão era muito bravo e nunca qualquer pessoa havia tido um relacionamento tão afetivo com ele.

A D. Odete interveio na conversa entre os dois, dizendo que aquilo era obra das estrelas.

Mesmo que alerta a conversa entre os amigos e amigas prosperou por mais algum tempo.

A noite adentrava e por volta de quase oito horas os amigos começaram a se despedirem voltando cada um para as suas casas.

No momento em que Seu Quinca já montado em seu cavalo chamou o cão para ir embora, este se enroscou nas pernas do menino. O menino retribuindo o gesto de amizade abraçou o cão com muito carinho fazendo para o Seu Quinca um pedido que emocionou a todos.

— Deixa ele ficar comigo. Disse chorando.

O tempo parou.

O vento frio que soprava do sul, também ficou quieto.

D. Odete com a sua sabedoria herdada dos ancestrais libaneses falou para o Seu Quinca que gostaria de comprar o cachorro para dar de presente ao seu filho.

Após um instante de silêncio o Seu Quinca apeia do cavalo, passa a mão pelo lombo do cão, pega o menino pela mão e fala.

— Ele é seu. Você merece este presente.



Fazendo as Pazes com o Passado

A alegria da criança contagiava toda a casa com o seu novo amiguinho. Ficaram amigos inseparáveis.

O nome do cachorro foi dado logo no primeiro dia de convivência. Tilzinho.



O cão Tilzinho – Autor desconhecido

A amizade entre a criança e o cão, como era de se esperar, proporcionou um relacionamento muito estreito entre os dois.

Todas as manhãs como era o costume na época, a criançada da rua ia brincar em uma pequena área de um lote de esquina, na confluência da Rua Joaquim Rios com a Rua Major José Galdino, também conhecida por Rua do Sapo.

Brincadeira comum como a de jogar peão, bolas de gude, futebol, também conhecido como pelada, dentre outros, faziam a alegria da criança da.

Neste cenário participava também o seu amigo inseparável o Tilzinho.

Muitas vezes, já com os seus seis anos de idade, cursando o primeiro ano primário, ao término das aulas matinais era comum o encontro dos dois amigos à porta da escola.



Fazendo as Pazes com o Passado

Aos oito anos de idade no inverno, que por sinal era muito mais frio que os atuais, foi detectado na criança o sintoma de peito sempre cheio, dificuldade com a respiração. Médicos diziam que era asma, outros uma alergia.

Nas férias de verão, no Natal o Dr. Francisco, D. Odete e a criança viajaram até Belo Horizonte para passar férias com os seus familiares.

Naquela época fazer uma viagem de Campo Belo para Belo Horizonte não era uma tarefa fácil. O percurso com pouco mais de 240 quilômetros era realizado em 12 horas, isto quando não ocorriam problemas na estrada, mas era divertido.

A viagem geralmente iniciava às seis horas da manhã, com o Sr. Paulo Parreira passando na casa de cada um dos passageiros.

A bagagem, composta de malas e canastras fortemente confeccionadas era colocada sobre o teto da jardineira, nome da época para ônibus,

muito bem amarrada para não caírem devido aos sacolejos e coberta por uma lona para evitar as chuvas e as intempéries da natureza.

Lembro-me ainda que na jardineira havia no vidro da frente dividido ao meio e no seu interior do lado direito deste para-brisa os dizeres :“ proibido fumar cigarro de palha, cachimbo ou charuto”.

Muitos passageiros viajavam trajando guarda-pó e chapéu.

A conversa era sempre animada girando sobre qualquer tema, a não ser no momento da parada da jardineira para o costumeiro momento de saciar a fome com a matula trazida de casa.

A família ficou na capital mineira por cerca de um mês sendo que neste período, a criança sofreu de todos os males respiratórios que afligiam seus pais.



Fazendo as Pazes com o Passado

Em uma consulta com o Dr. Maurílio, otorrinolaringologista, irmão do pai da criança este foi informado da relação de amizade entre a criança e o seu cão Tilzinho.

O veredito foi tomado envolto da simplicidade dos fatos narrados. Teriam que dispor do cão. Simples assim.

Após o Natal a família voltou para Campo Belo, determinada a cumprir a determinação médica. Levaram o cachorro para a casa do Sr. Guilherme Perrupato, grande amigo do Dr. Francisco.

Passaram-se os meses e a saúde da criança piorava a cada dia. Além dos sintomas de falta de ar podia-se perceber uma grande angústia e falta de motivação na criança. A cada dia a sua saúde ficava mais debilitada.

Certo dia, o Dr. Francisco recebe em sua casa um grande amigo de infância, colegas no Colé-

gio Santo Antônio em São João Del Rey, o Dr. Wilson Massote, médico conceituado na cidade.

O Dr. Wilson vendo a situação do amigo diante da doença de seu filho começou a andar pela casa conversando com a D. Odete. Após percorrer todos os cômodos, lentamente e com o olhar observador de um clínico geral, chamou os pais da criança para uma conversa bem ao pé do ouvido, como é comum dizer por estas bandas.

Já sei o que está prejudicando o menino, disse o doutor com a voz calma e firme.

O que é? Pergunta imediata do casal.

Vamos fazer um teste por um mês. Troquem o colchão de capim por colchão de mola e o travesseiro de paina por travesseiro de espuma. Após este período vou voltar para ver se tudo estará melhor.

Este foi o mês mais longo para o casal, pais da criança.



Fazendo as Pazes com o Passado

Enfim, passado um mês a melhora da criança, quanto à alergia e seus males colaterais estavam resolvidos. Somente a saudade do Tilzinho ainda não havia passado.

A decisão de buscar de volta o cão amigo da criança foi tomada.

Infelizmente antes de poderem concretizar a decisão o Dr. Francisco recebeu a notícia de que o cão Tilzinho havia morrido, resultado de um bote de cascavel.

Fazer as pazes com o passado, por mais áspero que tenha sido, por mais ingrato ou por mais difícil de viver, não é o de perdoar cada uma das situações vividas, mas sim, entender que as perdas fazem parte de nossas vidas e que as grandes lembranças, os grandes momentos podem viver eternamente.

A Grande Motivação

O primeiro ano primário, daquela criança, por ironia do destino, não foi proveitoso. Logo no início do segundo semestre os meus pais receberam uma comitiva do Colégio São José, que tinha por objetivo informar que o seu filho não mais poderia estudar naquela escola tradicional.



Colégio São José – Foto Roberto Murilo

Em agosto de 1957, já expulso do colégio, por uma ação infantil iniciou aulas particulares, com a professora Laura Cardoso. A D. Laura era especialista em tratar de alunos rebeldes. Uma



grande professora, apesar de sistemática, franca e exigente possuindo do dom de ensinar.

Em um dos encontros dos seus pais com a D. Laura, na praça principal da cidade, no dia sete de setembro, o seu pai, homem durão, mas de sentimentos evoluídos perguntou a D. Laura como estava o desenvolvimento de seu filho. A resposta veio de imediato. Ele já sabe ler.

No dia seguinte seu pai o chamou até a parte de baixo da casa, local onde funcionava o seu escritório de advocacia. Lógico que estava presente também a sua mãe, com objetivo de proteger-lhe de alguma situação embaraçosa.

Sem rodeios, seu pai, tomou pelas mãos um processo de um cliente e ordenou-lhe que lesse o nome do cliente estampado na capa.

O nome escrito ali, para um aluno que estava somente com trinta dias de aulas particulares não era fácil de ler. Mas ele leu, sem gaguejar:

Godofredo Pinto da Fonseca Filho. Até hoje ele não sabe quem é esta pessoa, mas o seu nome jamais se apagará da sua mente.

Como um manto de alegria que abraça todo um recinto, percebeu no rosto do seu pai e no semblante de sua mãe, uma grande satisfação. Pode ainda ver que olhos deles lacrimejavam de alegria.

De criança problema a criança normal.

No início do ano de 1958, antes das chuvas de março o menino foi matriculado por meus pais, para cursar o segundo ano primário, na Escola Evangélica Henriqueta Armstrong.

Vestido com o uniforme característico, uma farda, no primeiro dia de aula, saiu de casa, ainda inseguro para o seu primeiro dia de no colégio.

Não tinha amigos, não tinha com quem conversar. Mas, determinado a aprender e a conviver



Fazendo as Pazes com o Passado

em um mundo totalmente diferente, respirou fundo e aceitou o desafio.



***Escola Evangélica Henriqueta Armstrong – Foto
Célia Marçal.***



Terceiro ano primário

Entrou pelo portão principal, dirigindo-se até o pátio onde todos os alunos se alinhavam em fila dupla, por classe e altura com as meninas na frente, para cantarmos o Hino Nacional.

Em seguida dirigiu-se ao salão, local de festas e de realização dos cultos matinais, onde o Reverendo Samuel Brust fazia a costumeira pregação evangélica.



Professora Priscila Lopes Ribeiro



Fazendo as Pazes com o Passado

Tudo era diferente. Não estava acostumado com toda aquela liturgia. Após este evento, todos os alunos caminhavam ordeiramente até as salas de aula.

A professora, muito rigorosa, rígida e austera entrou pela porta da sala. Todos os alunos se levantaram e como o costume religioso da instituição, foi realizada uma oração, dando graças a Deus por aquela oportunidade de estarem ali para aprender.

Dona Priscila Lopes Ribeiro, deu permissão para que todos se sentassem.

Aqueles primeiros anos de escola impactaram toda a sua vida, tanto socialmente como intelectualmente.

A formação educacional era extremamente exigente e as responsabilidades de cada um dos alunos eram cobradas sistematicamente. A forma-

ção religiosa norte-americana e protestante o impactou por toda sua minha vida.

Considerado na escola como um bom aluno, poderia ter sido melhor, mas faltava-lhe inteligência para acompanhar os melhores. Alguma poucas vezes, nunca com cinco estrelas, figurou no quadro de honra, o qual informava para toda a comunidade o desempenho dos melhores alunos.



Alunos do Colégio Armstrong

As sextas-feiras à noite, alternadamente, isto é semana sim e outra não, ocorria uma solenidade



Fazendo as Pazes com o Passado

que durava aproximadamente uma hora e meia, onde os alunos de cada uma das classes apresentavam um trabalho ao público.

Aprendeu muito com esta escola. Não era uma simples escola, pois além de ensinar as matérias básicas para a época, educava cada um dos alunos, para a sua postura do dia a dia e para a sua vida inteira.

Infelizmente, ao término da quarta série primária teve que mudar-se para Belo Horizonte, desejo antigo dos seus pais.

O que é o destino?

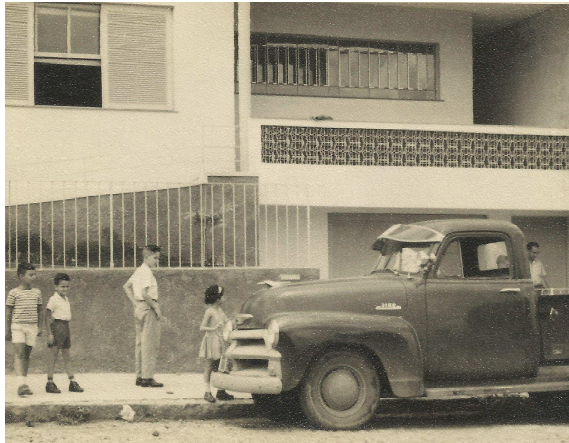
Muitas vezes temos que recuar um ou dois passos para conseguirmos saltar um obstáculo.

Viveu na capital mineira, por apenas um ano e três meses.

O seu pai, de advogado a marceneiro não poderia mesmo dar certo.

A situação financeira dos seus pais era muito difícil aliada a uma enfermidade que lhe acometera por três meses, enfraquecendo-o a ponto de ter que aprender a andar novamente, criava dentro de deles, toda a família, uma vontade louca de voltar para Campo Belo.

A casa em Belo Horizonte, não possuía móveis, somente as camas dos quartos e uma mesa de madeira, construída pelo seu pai, com sobras dos caixotes trazidos com a mudança vinda de Campo Belo.



Residência em Belo Horizonte



Fazendo as Pazes com o Passado

Certo dia, em dezembro de 1961, antes do Natal, início do mês, estavam fazendo o lanche das oito horas da noite, antes de irem dormir, quando a sua mãe, a D. Odete vinda do quintal, entra na cozinha, olha para o seu pai e lhe dá uma ordem.

Francisco, amanhã cedo você vai tomar o ônibus para Campo Belo para preparar a nossa mudança de volta para a casa. Agora vamos dormir, pois amanhã será um dia cheio.

Aquele dia todos puderam conhecer a bravura e determinação de uma mulher. Mistura de sangue alemão com libanês e ela, não titubeou.

Passaram o Natal em Campo Belo na casa que escolheram para serem felizes. A vida apesar de difícil financeiramente naquela época transcorria com muita paz e com a esperança de dias melhores.

O mundo era diferente. Aprenderam que para tomar banho quente era necessário cortar a le-

nha e por fogo no fogão para esquentar a água. E o banho não podia ser demorado, senão acabava a água.

Aos domingos pela manhã iam à missa, sua mãe e seu pai conversavam com seus amigos e as crianças brincavam na praça.

Ao término de uma destas missas os seus pais foram chamados a ter uma conversa particular com o Pe. Pedro, vigário local.



Residência em Campo Belo



Fazendo as Pazes com o Passado

Pe. Pedro, holandês, homem determinado foi responsável pela construção da Nova Matriz em Campo Belo, pessoa de valor.

Naquele domingo, entretanto, seus pais e alguns amigos chegados presenciaram um fato que marcou a vida da família por Yoda a vida.

A conversa do Pe. Pedro com o seus pais foi muito dura e até mesmo ríspida. Ele informara que se seus pais o matriculassem no Colégio Evangélico Armstrong seria excomungado.

O casal, criado na fé católica ficaram transtornados, apesar do menino não entender a razão e o motivo, naquele momento.

Enfim, não pode voltar para a escola, onde estudavam os meus amigos, indo cursar o primeiro ano ginásial no Colégio Dom Cabral, de formação católica.

Foi um desastre. Tomou bomba aquele ano.

Muito triste chegou com a notícia para os seus pais contando o seu insucesso na escola. Seu pai olhou-o, ficou calado saiu para o escritório. Sua mãe o abraçou dizendo que ele era muito novo e tinha a vida toda pela frente.

Hoje a situação é compreensível.

O seu pai se sentia culpado pela mudança desastrosa para Belo Horizonte e a sua mãe angustiada pelos dogmas religiosos.

Antes de o dia terminar os seus pais lhe chamaram para uma reunião no escritório. O local era sempre utilizado para tomada de decisões importantes.

O menino olhou-os podendo perceber que os fatores emocionais e religiosos envolviam a suas almas, contrariavam as suas crenças e angustiava os seus corações. Por alguns minutos o ar parecia quieto e o tempo parava de passar.



Fazendo as Pazes com o Passado

Pai! Disse o menino. As escolas religiosas são criadas para catequizar os alunos em primeiro lugar, depois é que pensam em ensinar a matéria. A divina liberdade de escolha, o livre arbítrio foi um presente de Deus para nós. Quero voltar para o Colégio Armstrong, disse ele.



Alunos do Colégio Armstrong 1966

Voltou!

Durante quatro anos pode novamente conviver no ambiente que lhe trazia felicidade, estudar

dentro das suas limitações, continuando a sua jornada, com vitórias e derrotas.

No último ano, na quarta série ginásial aconteceu um fato que impactaria a sua decisão em se tornar um escritor.

Como exercício de casa, cada um dos alunos teria que escrever uma composição com o tema Democracia e Comunismo. Esqueceu-se completamente desta tarefa.

Não fez a composição.

Então, para não passar vergonha e perder nota, sentou-se na última carteira da sala e foi escrevendo a composição determinada pelo Rev. Samuel Brust, enquanto cada um dos demais alunos ia apresentando em voz alta o seu trabalho.

Escreveu a composição na própria sala de aula.

Chegou a sua vez.



Leu a composição.

O Reverendo Samuel Brust escutou atentamente e após a leitura pronunciou uma frase que o deixou muito triste.

— Este trabalho não foi escrito por você! Foi seu pai que o fez.

Respondeu imediatamente que o tinha escrito ali mesmo, naqueles instantes.

— O Cláudio Matti esta aqui do lado e pode comprovar isto, disse com a irreverência de um adolescente.

O professor elogiou o trabalho, enfatizando que a colocações escritas ali era de uma pessoa que conhecia o tema e que provavelmente lia muito. Ficou honrado, pois nunca havia recebido um elogio tão grande e de uma pessoa tão importante.

O professor solicita que levasse até a sua mesa a composição que acabara de fazer.

Levou os papéis com a composição até a mesa, trabalho rasurado, com palavras riscadas, com linhas riscadas e outras sobrepostas. Estava muito feliz.

Como não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe o professor lhe disse que o trabalho estava muito bom, entretanto, não poderia receber cinco estrelas, pois havia muita rasura.

O presente somente será compreendido no futuro.

Fatos relevantes, felizes ou não, de alguma forma moldam a nossa personalidade para toda a vida, e em cada um destes momentos, gravados ou não na memória fazem parte de nosso desenvolvimento como pessoas e fundamentalmente como seres humanos.

Os últimos dois anos morando em Campo Belo, estudou no Colégio Dom Cabral. Lá cursou o primeiro e o segundo ano do científico.



Fazendo as Pazes com o Passado



Colégio Dom Cabral – Foto Roberto Murilo

No Colégio Dom Cabral as amizades de adolescentes ainda perduram até hoje, onde os alunos abençoados por mestres de respeito construíram o alicerce de suas vidas profissionais.



Alunos do Colégio Dom Cabral 1968

Agora sei, aprendi como lidar com a diversidade, com os desafios a vencer. Bem como, sempre acreditar que momentos felizes podem ser eternos, às vezes interrompidos, mas eternos.



Uma Prova de Fé

Em março de 1969, mudou-se solitariamente para cursar o terceiro ano científico no famoso Colégio Universitário, da Universidade Federal de Minas Gerais.



Alunos do Colégio Universitário 1969

Foi um ano atípico em sua vida até então. Saiu de casa, no interior, para viver sozinho e ainda mais, tendo como desafio passar no exame de seleção para a Escola de Engenharia.

Morava em Belo Horizonte, com seu primo James Raposo, estudante de medicina, pessoa ímpar, de grande coração, inteligente e excelente músico, que com o seu violão embalava as noites de sábado.

Todo o dia saía para a escola às seis horas e trinta minutos, tomando dois ônibus para chegar até ao bairro da Pampulha às oito horas, onde se localizava o estabelecimento de ensino.

Das oito ao meio dia, estudava, com seus colegas de grupo: Sylvio Podestá, famoso arquiteto, Berenice Gonzales, professora da Universidade Federal de Minas Gerais e Sônia Salgado, renomada engenheira.

Tinham uma hora para o almoço, denominado na época de bandeirão.

Das 13 horas até às 17 horas assistiam aulas, ministrado por professores competentes.



Fazendo as Pazes com o Passado

Foi um ano conturbado, pois a revolução de 64 ainda estava no auge do poder.

Nesta época ocorreu um fato com o professor de física que durante alguns anos deixou-me chateado.

Em uma aula de ótica, onde se estudava a visão bilocular dos olhos humanos, o professor me convidou para fazer uma experiência na frente de todos os meus colegas.

A experiência era muito simples. Com os dois olhos abertos era muito fácil, com o dedo indicador acertar um lápis colocado diante dos olhos. Com um dos olhos tampados a missão era muito mais difícil.

Mesmo com os dois olhos abertos não consegui acertar o lápis. A tentativa foi feita por diversas vezes. O mais impactante foram as palavras duras dirigidas, dizendo principalmente que o aluno tinha lido a matéria e não a havia

compreendido. É evidente que fiquei muito constrangido, pois não havia lido nada a respeito.

Enfim depois de alguns anos, em uma consulta com o médico oftalmologista, este informou que eu tinha nos olhos um pequeno estrabismo. Neste momento entendi toda a história.

Aprendi mais com o passado e durante os meus 25 anos atuando como professor, sempre contava esta história, mostrando como deveria se comportar um mestre diante de seus alunos. Colhi muitas amizades com meus alunos.

Geralmente aos domingos ia almoçar com seu primo James na escola de arquitetura, localizada no bairro funcionários, onde também moravam em um pequeno apartamento.

Em uma destas idas para almoçar, bem em frente a escola de arquitetura, o exército estava de prontidão e toda a imprensa presente. Por ironia



do destino uma foto foi estampada na primeira página do jornal O Estado de Minas.

Lá estavam os dois, inocentes sem saber ao certo o que estava ocorrendo. Com receio que ocorresse alguma tragédia, diante dos ânimos exaltados, voltaram para a casa, alimentando-se de pão com linguiça.

No dia seguinte, por volta das dez horas, chegam a Belo Horizonte, os pais dos rapazes, evidentemente preocupados com a situação que os envolveram. Não passou de um susto, e a situação voltaria ao normal, momentos após.

Corria o ano de 1969.

O rapaz iniciava os preparativos para o exame de seleção para a faculdade de engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais.

O vestibular aquele ano foi diferente. Foi realizado no Estádio de Futebol "Mineirão", com uma

semana de provas, com 75 questões cada uma delas e três horas de duração.

Sentados no piso de cimento das arquibancadas, foram horas de raciocínio e determinação.

Infelizmente, o único estudante, dentre todos os amigos que vieram de Campo Belo que não obteve sucesso naquelas provas foi ele.

Indignado, revoltado consigo mesmo, foi até a companhia telefônica para realizar um interurbano para a família, avisando-os daquela derrota.

— Telefonista gostaria de fazer uma ligação para Campo Belo, para o número 570. Disse o rapaz.

— Você esta com muita sorte hoje, pois poderemos completar a sua ligação em apenas duas horas. Disse a telefonista.

Naquele tempo, época em que as telecomunicações no Brasil eram muito deficientes, um a-



traso de apenas duas horas era o melhor dos mundos.

Pacientemente sentou-se em uma das poltronas da grande sala de espera, pensando como deveria dar aquela triste notícia aos seus pais. O tempo corria...

Enfim, após quase duas horas de espera foi chamado para realizar a comunicação com a sua casa.

— Alô...Mãe...Tudo Bem?

— Tudo bem aqui meu filho. Qual o motivo desta ligação? Está necessitando de algum dinheiro?

— Não, Mãe. As notícias não são boas. Eu não passei no vestibular.

— Graças a Deus. Respondeu sua Mãe. Filho, nós fizemos uma promessa para Santa Rita e ela nos disse em sonho que você não iria ficar em Belo

Horizonte, já esperávamos por esta notícia. Fizemos a sua inscrição no Instituto Nacional de Telecomunicações, o INATEL e daqui a 15 dias serão as provas. Vem embora.

— Está bom, amanhã à tarde chego aí. Sua benção e obrigado.

Os olhos do rapaz lacrimejaram de alegria. Enfim teria outra oportunidade de mostrar o seu valor e de compensar os seus esforços e os de sua família entrando para a faculdade.

Feliz da vida, chegou ao apartamento onde morava, fez um pouco de café e iniciou a arrumação da mala com os seus pertences.

No dia seguinte, foi até a rodoviária para fazer a viagem para Campo Belo. O percurso era tranquilo até a cidade de Perdões, pois a rodovia Fernão Dias estava bem conservada, período que aproveitou para desligar das angústias caindo no sono.



Fazendo as Pazes com o Passado

De Perdões a Campo Belo, a rodovia de terra e castigada pelas chuvas de verão tornava a viagem um grande desafio. Duas horas de viagem para percorrer 32 quilômetros.

Passados alguns dias o rapaz, pretendente a engenheiro ruma para Santa Rita do Sapucaí, buscando plantar ali as sementes de seus sonhos. Hospedou-se no Grande Hotel Mello às margens do rio Sapucaí, no quarto de número 14.

O primeiro dia de provas transcorreu muito bem, pois as matérias abrangiam a matemática e física. As provas eram abertas, isto é tinham que ser resolvidas, detalhadamente no espaço determinado para isto.

No segundo dia as provas correspondiam a língua portuguesa, com uma redação e a língua inglesa, com respostas de interpretação de texto.

No caminho entre o INATEL e o hotel, sentou-se na praça principal da cidade, ficando quieto

por algum tempo, quando foi interrompido por uma voz conhecida. Era seu amigo de infância o Marco Polo Gambogi Alvarenga, que cursava o último ano da escola técnica.

— Oi cara o que é que você está fazendo aí, com era cara de tristeza? Perguntou.

— Oi Marcão, até agora fiz as provas para o vestibular no INATEL e fui muito bem, mas amanhã tenho prova de desenho descritivo. Eu nunca estudei esta matéria. E, não posso tirar zero, para não ser eliminado.

— Quer uma ajuda? Estarei fazendo uma prova de desenho descritivo amanhã na Escola Técnica de Eletrônica, vamos estudar uns dez problemas e vamos ver no que dá. Vá tomar um banho e depois você vai para a república.

República é o nome dado aos locais onde estudantes se cotizam para morar em cidades universitárias.



Fazendo as Pazes com o Passado

Lá pelas oito horas da noite, encontraram-se na república, estudando até as duas da madrugada.

No outro dia foi fazer a prova, tão temida. Dos dez problemas estudados caíram três semelhantes. Nota máxima na prova de desenho.

Passou no vestibular indo cursar Engenharia de Telecomunicações, na instituição mais renomada da América Latina.

Na verdade o destino estava escrito. Ou seria uma mentira?

Será que a devoção de sua Mãe a Santa Rita teve alguma influência?

Quis o destino dizer que a decepção é o único sentimento que faz uma pessoa mudar os rumos radicalmente ou são os passos que refazem os nossos caminhos?

Talvez, um misto de fé e de aprendizado,
pois o melhor professor talvez seja o último erro.



A Felicidade

Cada um de nós querendo ou não, sonhamos com a engenharia de arquitetar um projeto de felicidade. Parece-me que este assunto poder estar ligado ao inconsciente coletivo, originário na religiosidade que habita nossos interiores, profundamente determinado pelo mito do Jardim do Éden.

Nas conspirações e conflitos internos de cada ser, vimos desenvolvendo por entre sonhos e realidade, embutidas pelas aspirações constantes, uma inegável e razoável vontade de tornar realidade um projeto.

O Projeto de nossa Felicidade Particular.

Causa muita estranheza que dentre os nossos caminhos, por dentre os abrolhos e as pedras, não consigamos tornar realidade os conceitos que requeremos para podermos ser completamente felizes.

Se isto não acontece, conseqüentemente nada passa de um sonho, as realizações concernentes aos aspectos palpáveis de um sonho sem clímax.

Para um cartesiano de formação a felicidade pode ser definida por uma simples fórmula:

$$F = R - E$$

F é a felicidade que pode ser positiva ou negativa, bem como ter sua grandeza proporcionada pela subtração da Realidade (R) pela Expectativa (E). Se a realidade e a expectativa forem iguais será normal, entretanto a diferença positiva ou negativa nos levam a felicidade ou infelicidade.

Desta forma, consideramos inevitavelmente que a determinação da busca incessante, que nos leva a proceder de maneira insatisfatória, deprimente e desarmoniosa para conosco mesmo.

Nada de parâmetros definidos, nada de determinações específicas, determinará o avanço



motivacional da totalidade de nossos desejos e aspirações.

A liberdade de expressão, de decisão, do consentimento social, nos possibilitará um xangrilá de ilusões e aspirações reais, satisfeitas de conformidade com as asperezas e desventuras por que passamos.

Da alegria ao sentimento de vontade e necessidade, se contrapõe uma grande ruptura dos preceitos e preconceitos ensinados por milhares de anos na formação social e familiar das pessoas humanas.

Dentro destas possibilidades de ruptura de preceitos e doutrinas, há sem dúvida, sofrimento, constrangimento, pressões e alegrias.

Considero que poderá haver uma nova era nesta Terra, tão desgastada tanto física como mentalmente, no limiar de novos padrões e conceitos, onde os padrões serão revistos, formando-se

um novo senso, psicológico, religioso, político e comportamental, junto ao ser humano.

Todavia, até agora, nesta corrida incansável na busca da felicidade, estamos estruturando nossas personalidades, nossos consentimentos, em padrões humanos medievais, obsoletos, arcaicos e falidos, para não nos amarmos, nos desprezarmos, por razões sociais, familiar, moral e religiosa.

Vários são fatores nos levam a cultivar a tristeza. Nas páginas anteriores foram lembrados todos os meus momentos mais difíceis que marcaram a minha vida e me impactaram durante muitos anos.

Não gostaria aqui de abordar a tristeza como um assunto acadêmico, nem tão pouco religioso, mas de dizer, como pude rever os meus conceitos, os meus valores e principalmente a minha vida, com o único objetivo de viver feliz.



Fazendo as Pazes com o Passado

Por isto, estou fazendo as *pazes com o passado*. Não, esquecendo-me dos momentos, mas aprendendo com os meus próprios erros, com as minhas tristezas, que ela não pode ser enfatizada em uma vida, faz parte, mas...só um pouquinho.

Sabendo também que a felicidade é um instante de nossas vidas que vale por si só e que a escola da tristeza foi edificada para controlar as pessoas desde a infância.

Mensagem

Sofri, chorei, mudei e sou feliz só por alguns instantes, mas vale a pena.

